Laura Bellini



Todo o seu charme inconveniente

O charme basta para uma noite.
Para o amanhã, é preciso a verdade.

Todo o seu charme inconveniente

O charme basta para uma noite. Para o amanhã, é preciso a verdade.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901397

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O preço da prioridade.....13
Capítulo 2 - As condições da confiança..... 23
Capítulo 3 - Quando tudo começa a desmoronar 34
Capítulo 4 - O que não entra no cronograma..... 45
Capítulo 5 - O direito de dizer não 56
Capítulo 6 - Um beijo, nenhuma promessa 67
Capítulo 7 - O que não pode ser desfeito..... 76
Capítulo 8 - Do outro lado do mundo dele 87
Capítulo 9 - O risco que compartilhamos..... 97
Capítulo 10 - Não quero mais fingir 109
Capítulo 11 - Entre nós e o resto do mundo..... 121
Capítulo 12 - O documento que não deveria estar faltando.....133
Capítulo 13 - O preço das expectativas alheias 144
Capítulo 14 - A verdade pela metade 155
Capítulo 15 - Tudo o que você não me contou.....166
Capítulo 16 - A distância de que preciso 178
Capítulo 17 - O que pertence a mim 187
Capítulo 18 - O charme já não basta.....196
Capítulo 19 - A justiça não vem sem um preço 206
Capítulo 20 - O amanhã precisa da verdade.....216

INTRO

Vi Seweryn Janik pela primeira vez no exato momento em que ele estava diante do meu quadro de organização, mudando de lugar, sem o menor constrangimento, os post-its coloridos nos quais eu vinha trabalhando havia três semanas.

Ele usava uma camisa escura com as mangas dobradas, um relógio de pulseira de couro e a expressão de um homem convencido de que o mundo seria um lugar melhor se todos simplesmente permitissem que ele colocasse as coisas na ordem certa.

Eu não pretendia lhe dar esse prazer.

— Com licença — falei, parando à porta do salão de exposições. — O senhor está reorganizando o meu festival?

Ele se virou devagar. Tinha pouco mais de trinta anos, cabelos escuros, a barba por fazer e um olhar no qual a diversão apareceu um pouco depressa demais.

— Depende. O seu festival prevê uma catástrofe logística no sábado, às duas da tarde?

— O meu festival prevê que pessoas não autorizadas não mexam no quadro.

— Nesse caso, começamos infringindo o regulamento.

— E o senhor parece orgulhoso disso.

— Preocupado, na verdade. Embora eu goste da sua maneira de conduzir uma conversa.

Aproximei-me do quadro e devolvi ao lugar certo o post-it com a inscrição "ATELIÊ ABERTO". Seweryn acompanhou o

movimento das minhas mãos, mas não tentou interferir outra vez. Pelo menos isso contava a seu favor.

Era quinta-feira, dois dias antes da abertura do festival de artesanato de Lublin, e eu tinha exatamente dezessete problemas sem solução. Entre eles estavam a falta de um projetor reserva, três contratos ainda não assinados e o desaparecimento do responsável pela entrega das mesas para as oficinas. Não precisava de um décimo oitavo problema, especialmente de um que cheirava a perfume caro e parecia saber perfeitamente quando sorrir.

— Blanka Rybicka — apresentei-me, estendendo a mão mais por obrigação do que por simpatia.

— Seweryn Janik.

Seu aperto de mão foi firme, mas breve. Quando retirei a minha, ele não tentou prolongar o contato. Aquela pequena demonstração de contenção me surpreendeu mais do que toda a sua insolência anterior.

Eu conhecia o sobrenome, é claro. Curador de exposições, um homem com contatos no mundo do design e das artes aplicadas, trazido pelo conselho de programação para conferir maior prestígio ao evento. Segundo os documentos oficiais, seríamos responsáveis juntos pela programação. Segundo a minha agenda, Seweryn só deveria aparecer à tarde.

— O senhor chegou mais cedo — observei.

— Queria conhecer o espaço antes da chegada dos convidados.

— E decidiu imediatamente que precisava melhorá-lo?

— Vi que a demonstração de cerâmica ficaria ao lado das oficinas de marcenaria. Poeira não é exatamente a melhor companhia para um esmalte cerâmico recém-aplicado.

Olhei para o quadro e depois para a planta do sistema de ventilação afixada ao lado. Ele tinha razão quanto à proximidade dos espaços, mas não sabia das divisórias móveis que eu havia encomendado especialmente para aquela ocasião.

— A demonstração de cerâmica termina duas horas antes do início das oficinas. O salão será limpo e as divisórias serão fechadas. Tudo está previsto no cronograma técnico.

Durante alguns instantes, ele examinou o documento que eu havia indicado.

— Nesse caso, retiro a acusação de catástrofe.

— Quanta generosidade.

— Não disse que retirava meu interesse.

Ele ergueu os olhos. Dessa vez, não estava sorrindo.

Eu poderia interpretar aquilo como um flerte. Também poderia concluir que um homem acostumado a falar em público simplesmente sabia fazer qualquer frase soar como uma proposta pessoal. Preferi a segunda interpretação. Era mais segura, e eu não tinha tempo para decifrar as intenções de curadores bonitos.

Antes que pudesse responder, meu telefone tocou.

Na tela apareceu o nome de Marta, a contadora do festival. Atendi imediatamente.

— Diga que tem boas notícias para mim.

— Tenho notícias — respondeu ela, cautelosa. — Se são boas, depende da sua definição.

Afastei-me alguns passos, entrando no espaço entre as vitrines de exposição ainda vazias. Do outro lado das janelas altas, um bonde passou, enquanto do pátio chegavam os ruídos metálicos das estruturas sendo montadas.

— Marta.

— Recebemos a confirmação definitiva do orçamento. O subsídio é menor do que o previsto. O patrocinador principal manteve o compromisso, mas os recursos já foram destinados a despesas específicas.

— Quanto menor?

Ela me disse o valor.

Fiquei olhando através do vidro para uma jovem que carregava um rolo de tecido debaixo do braço. A moça parou para ajudar um artesão mais velho a segurar a porta. De repente, aquele gesto tão pequeno me pareceu dolorosamente incompatível com a notícia que eu acabara de receber.

Faltava quase um quinto do dinheiro reservado à programação aberta.

A programação que eu havia criado do zero.

Oficinas para artesãos iniciantes, estandes gratuitos para pequenos ateliês, encontros entre jovens designers e pessoas que trabalhavam com as mãos havia quarenta anos. Aquela deveria ser a parte do festival da qual eu mais me orgulharia. Não a mais sofisticada. Não a mais lucrativa. A mais importante.

— Envie-me a planilha atualizada — pedi.

— Já enviei. Blanka, tem mais uma coisa. No novo anexo apareceu uma reserva do salão principal para uma

exposição de um parceiro. Prioridade aprovada pelo curador.

Olhei na direção de Seweryn.

Ele estava diante de uma vitrine que abrigava o modelo inacabado de uma cadeira de madeira. Não tocava na peça. Apenas se inclinara para ler a pequena etiqueta deixada pelo autor.

— Qual parceiro? — perguntei.

— O ateliê Vistula Design. Eles têm um histórico de colaboração com o festival.

Eu conhecia o nome. Uma empresa grande, presente havia anos em eventos do setor, com um orçamento publicitário superior ao faturamento anual da maioria dos expositores. Não tinha nada contra patrocinadores. Graças a eles, as pessoas podiam comprar ingressos por preços razoáveis, e alguns participantes conseguiam mostrar seus trabalhos pela primeira vez. Mas eu tinha objeções muito específicas a situações em que o tamanho de uma empresa automaticamente lhe conferia prioridade.

— Quem assinou a reserva?

— No sistema aparece o sobrenome Janik. Não sei se é uma decisão definitiva. O documento chegou junto com o novo orçamento.

Agradeci e encerrei a ligação.

O e-mail já estava esperando na tela do meu telefone. Abri o anexo e vi uma marcação vermelha ao lado do item "Área de Estreantes". Parte do espaço planejado havia sido transferida para a categoria de exposição de parceiros. Na justificativa, apareciam três palavras: "continuidade da parceria".

Não havia uma única frase sobre as pessoas a quem eu tinha prometido um lugar.

Seweryn só se aproximou quando abaixei o telefone.

— Aconteceu alguma coisa?

— Acabei de descobrir que preciso salvar uma dúzia de estandes de exposição com um orçamento que deixou de existir.

Seu olhar deslizou até o documento.

— A senhora recebeu a atualização financeira.

Não era uma pergunta.

— E o senhor já sabia?

— Sabia que haveria cortes. Não conhecia o valor definitivo.

— Mas sabia da reserva para a Vistula Design.

Ele ficou em silêncio por um instante. Não pareceu surpreso ao ouvir o nome da empresa. Pareceu mais um homem que acabara de perceber que determinada conversa estava começando algumas horas antes do que havia planejado.

— Conheço essa empresa há anos — respondeu. — Eles apoiaram vários projetos difíceis quando ninguém mais estava disposto a correr riscos.

— Que história bonita. Ela também inclui tirar espaço de quem não tem dinheiro para patrocinar o evento?

— Eu não tomaria uma decisão dessas sem conversar com a senhora.

— Ótimo, porque é exatamente essa conversa que pretendo ter agora.

Por alguns instantes, ficamos nos encarando em silêncio. Em algum lugar da sala vizinha, alguém deixou cair um suporte de metal. O estrondo ecoou pelo teto alto, mas nenhum de nós se mexeu.

Seweryn foi o primeiro a desviar os olhos, dessa vez para a planta que eu segurava.

— A senhora tem a distribuição de todos os estandes?

— Tenho tudo planejado.

— Até uma alternativa para o caso de não recebermos o financiamento integral?

— Principalmente essa alternativa.

Ele estendeu a mão para pegar o documento, mas interrompeu o gesto no meio do caminho.

— Posso?

Aquela única palavra, pronunciada sem um traço de ironia, foi tão inesperada que fiquei apenas olhando para ele por um momento.

Então lhe entreguei a folha.

Ele leu com atenção. Não fez comentários apressados, nem tentou recuperar a vantagem por meio de alguma observação espirituosa. Quando chegou aos nomes dos jovens artesãos, percorreu a tabela com o dedo e parou na coluna dos custos de participação.

— A senhora abriu mão da remuneração pela coordenação dessa parte da programação?

— Destinei o dinheiro ao transporte dos expositores que vêm de fora de Lublin.

— Isso não é uma solução sustentável a longo prazo.

— Eu não pretendia que fosse. O que eu queria era garantir que, pelo menos desta vez, ninguém precisasse pagar para ter a oportunidade de mostrar seu trabalho.

Ele me devolveu o documento. Algo pequeno, mas perceptível, mudou em seu rosto. A diversão de antes havia desaparecido.

— Entendo por que isso é tão importante para a senhora.

— Não tenho certeza de que entenda.

— Então me mostre.

Eu tinha trinta e dois anos e experiência suficiente para saber que as pessoas mais perigosas às vezes eram justamente aquelas capazes de parecer sinceras no momento em que mais lhes convinha. Ainda assim, ali estava eu, diante de Seweryn, sentindo pela primeira vez desde aquela ligação vontade de parar de lutar e realmente explicar alguma coisa a alguém.

Tirei da pasta as fotografias dos ateliês que haviam se inscrito para a área de estreantes. Espalhei-as sobre o largo parapeito da janela. Seweryn ficou ao meu lado, deixando espaço suficiente entre nós para que eu pudesse me afastar.

Não me afastei.

— Vamos começar por essas pessoas — falei. — Depois vou mostrar por que não pretendo excluí-las da programação.

Ele olhou para a primeira fotografia e, em seguida, para mim.

— Está bem, Blanka.

Meu nome soou surpreendentemente natural em sua voz. Não como uma tentativa de diminuir a distância entre nós, mas como uma promessa de atenção.

Do lado de fora, o sino de uma igreja próxima começou a tocar. O festival continuava sem dinheiro, o salão principal continuava sendo motivo de disputa, e o homem ao meu lado provavelmente sabia muito mais sobre toda aquela situação do que estava disposto a revelar.

Mesmo assim, quando ele se inclinou sobre a fotografia de uma pequena tigela de cerâmica e perguntou o nome da artesã que a havia criado, respondi com toda a paciência de que era capaz.

O que me inquietava não era o fato de ele saber ser encantador.

O que me inquietava era que eu começava a querer descobrir quem ele era quando deixava de tentar encantar.

— Seweryn? — chamei, antes que ele passasse para a fotografia seguinte.

— Sim?

— Se o senhor realmente pretende me ajudar, preciso de uma coisa.

— O quê?

Olhei diretamente em seus olhos.

— O senhor é capaz de me dizer a verdade, mesmo que isso faça com que eu deixe de gostar do senhor?

Capítulo 1 - O preço da prioridade

Seweryn não respondeu imediatamente à minha pergunta. Durante alguns segundos, observou-me com uma atenção que já não lembrava o interesse descontraído de antes. No salão de exposições, ouviam-se os ruídos dos preparativos. Alguém arrastava uma caixa pesada pelo piso, enquanto do pátio aberto vinha o cheiro de madeira molhada. Tive vontade de pressioná-lo para obter uma resposta, mas concluí que o silêncio seria um teste melhor do que outra acusação.

— Sou capaz — disse ele, por fim. — Nem sempre faço isso tão depressa quanto deveria.

— Isso pareceu preocupante.

— A intenção era parecer sincero.

Não podia negar-lhe aquele mérito. Ele não havia prometido ter um caráter impecável, nem tentado me convencer de que todas as suas decisões tinham sido corretas. Ao mesmo tempo, a resposta deixava espaço suficiente para detalhes incômodos. Guardei as fotografias na pasta e pedi que fôssemos para a sala de reuniões. Precisávamos determinar o que realmente poderia ser salvo da programação antes que o restante da equipe começasse a tomar decisões com base em estimativas de custos desatualizadas.

A sala no andar superior tinha uma mesa comprida, oito cadeiras diferentes entre si e janelas voltadas para o pátio interno do prédio antigo. Abri meu notebook e espalhei sobre a mesa o bloco de anotações e uma cópia impressa do orçamento atualizado. Seweryn sentou-se à minha frente, mas, antes que pudéssemos começar, Marta entrou

carregando uma caneca de café e exibindo uma expressão que eu conhecia muito bem.

— Digam que vocês têm um plano — pediu.

— Temos um problema — respondi. — O plano vem daqui a pouco.

Marta colocou a caneca ao lado do meu computador.

— Os trinta e oito mil złotys que faltam não vão aparecer do nada. Precisamos aprovar hoje a lista de compromissos financeiros. Não posso autorizar pedidos com base em esperança.

Seweryn inclinou-se sobre a planilha.

— Quais despesas já não podem ser canceladas?

Marta apontou os itens referentes ao aluguel dos espaços, à infraestrutura técnica e ao transporte de parte das peças. Ele fez perguntas objetivas, sem fingir que conhecia todos os detalhes. Percebi que anotava as respostas no verso da programação, em vez de começar imediatamente a propor cortes. Era uma atitude sensata, embora me irritasse perceber que eu estava começando a apreciá-la.

— Continuamos com um déficit de trinta e oito mil — resumi. — Podemos reduzir os custos da cenografia, renegociar o aluguel da iluminação adicional e diminuir o número de eventos noturnos. Mas não vamos mexer na área de estreantes.

Seweryn pousou a caneta.

— Também não podemos eliminar a exposição curatorial principal.

— Por quê?

— Porque é ela que atrai os parceiros que financiam o restante do evento.

— E os artesãos iniciantes são um complemento que podemos bancar caso sobre dinheiro?

— Não foi isso que eu disse.

— Mas é essa a consequência da sua proposta.

Ele me observou em silêncio por alguns instantes.

— Blanka, podemos conversar sobre as consequências, mas também precisamos falar sobre as fontes de financiamento. Se reduzirmos a exposição dos parceiros contrariando os acordos anteriores, correremos o risco de perder recursos necessários não apenas agora, mas também nas próximas edições.

— Então precisamos preservar os privilégios de quem já está em vantagem para que, algum dia, possamos convidar aqueles que não têm essa vantagem?

— Estou dizendo que as dependências financeiras não deixam de existir simplesmente porque são injustas.

Marta ergueu a mão antes que eu pudesse responder.

— Sugiro que, por enquanto, não decidamos qual dos dois vai ganhar o concurso de princípio moral mais convincente. Preciso de números.

Ela tinha razão. Deixei as emoções de lado e abri a planilha. Durante os quarenta minutos seguintes, classificamos as despesas entre indispensáveis, passíveis de redução e sujeitas a negociação. Seweryn eliminou o custo de um catálogo impresso adicional, embora inicialmente tivesse sido ele quem insistira na publicação. Eu concordei em diminuir o orçamento da decoração da área de oficinas. Marta verificava cada proposta, e em seu caderno

começaram a surgir valores que, pela primeira vez, ofereciam uma possibilidade real de equilibrar as contas do evento.

O problema voltou quando chegamos ao salão principal.

— Não vou concordar com uma redução da área de estreantes para menos de doze estandes — declarei.

— E eu não posso aceitar um plano que desrespeite as condições estabelecidas para a exposição dos parceiros sem o consentimento deles por escrito — respondeu Seweryn.

— Quem estabeleceu essas condições?

Seus dedos pararam na borda do documento.

— As conversas começaram antes de sermos nomeados conjuntamente para dirigir a programação.

— Não perguntei quando as conversas começaram.

— Os detalhes precisam ser conferidos nos documentos.

Marta nos observou por cima do computador. Percebi que ela também havia notado a mudança de tom. Seweryn não estava mentindo diretamente, mas começara a responder a perguntas diferentes daquelas que eu fazia.

— Nesse caso, vamos verificar os documentos — decidi. — Até lá, não vou aprovar nenhuma alteração na distribuição dos espaços.

— Isso pode atrasar a montagem.

— Eu sei.

— A senhora não teme as consequências?

— Temo muito. É justamente por isso que não pretendo tomar decisões às cegas.

Ele esboçou um sorriso quase imperceptível.

— A senhora é uma parceira excepcionalmente difícil.

— E o senhor, pelo visto, está acostumado com parceiras mais fáceis.

— Não disse que isso era um defeito.

Marta fechou o notebook com uma firmeza ostensiva.

— Vou deixar vocês sozinhos por quinze minutos. Quando voltar, gostaria de encontrar dois adultos e um documento em comum. A ordem não importa.

Quando ela saiu, o silêncio tornou-se surpreendentemente perceptível. Seweryn aproximou-se da janela e desabotoou o primeiro botão da camisa. Só então reparei no cansaço escondido sob sua aparência impecável. Havia sombras discretas sob seus olhos e uma marca mais clara no pulso, deixada pelo relógio que aparentemente usava até durante os dias mais longos de trabalho.

— Quer saber do que realmente tenho medo? — perguntou.

— É exatamente isso que estou tentando descobrir.

— De organizarmos um festival maravilhoso que não terá uma próxima edição. De oferecermos oficinas excelentes e depois passarmos dois anos sem conseguir dinheiro para realizar outras. Já trabalhei em um evento que terminou exatamente assim.

— E eu já trabalhei em eventos nos quais os patrocinadores recebiam tudo, enquanto aos artistas restava a oportunidade de tirar uma fotografia ao lado de um logotipo.

Ele se virou.

— Parece que nós dois sabemos o que não queremos repetir.

Não esperava aquela resposta. Estava preparada para mais uma tentativa de me convencer de que o dinheiro deveria ter a última palavra. Em vez disso, ele admitiu que sua experiência também tinha um preço. Aquilo não significava que tivéssemos chegado a um acordo, mas, pela primeira vez, enxerguei nele alguém além do homem que representava os interesses dos grandes parceiros.

— Tenho uma proposta — falei. — Vamos definir uma parte mínima da programação que nenhum de nós poderá modificar sozinho. Avaliaremos todos os outros itens de acordo com o custo e o valor real que oferecem aos participantes.

— E a exposição dos parceiros?

— Não vou conceder prioridade automática a ela.

— Não posso prometer que aceitarei isso sem ressalvas.

— Não estou pedindo uma promessa. Estou pedindo uma avaliação justa.

Seweryn voltou à mesa. Inclinou-se sobre a planta e começou a mover as folhas, dessa vez pedindo minha autorização antes de cada alteração. Marcamos três possibilidades de utilização do salão principal. A primeira mantinha a exposição atual, mas deixava os estreantes em uma localização ruim. A segunda dividia o espaço igualmente. A terceira previa uma mudança nos horários das apresentações e estandes adicionais no pátio.

— A terceira opção é a que mais se aproxima da minha ideia — comentei.

— Também é a que apresenta o maior risco por causa do clima.

— Podemos utilizar uma cobertura.

— E pagar por uma montagem que não está prevista no orçamento.

— Posso tentar conseguir o equipamento com um ateliê local.

— E se não conseguir?

— Voltamos à segunda opção.

Ele refletiu por um longo momento.

— Com uma condição.

— Estou ouvindo.

— Todas as alterações relacionadas aos patrocinadores e à exposição principal serão apresentadas por nós dois. Nenhum de nós fará promessas individuais que o outro não possa cumprir.

Senti a resistência familiar surgir dentro de mim. A independência era muito mais do que um hábito. Eu havia construído minha posição profissional ao longo de anos, muitas vezes provando a pessoas com orçamentos maiores e cargos mais impressionantes que não precisava de alguém para me proteger ou supervisionar. A aprovação conjunta de decisões soava perigosamente parecida com abrir mão de parte do controle.

— Concordo, desde que a regra valha para os dois lados — respondi. — Sem exceções para os seus velhos conhecidos.

— Sem exceções para os seus expositores favoritos.

— Meus expositores favoritos não possuem departamentos de marketing.

— Mais um motivo para merecerem uma avaliação justa, e não tratamento privilegiado.

Lancei-lhe um olhar severo. Ele não respondeu com um sorriso. Havia dito algo que eu precisava enfrentar: minha preocupação com os estreantes também não me dispensava da obrigação de tomar decisões transparentes.

Marta voltou à sala. Apresentamos a ela uma versão preliminar do orçamento que reduzia o déficit a um valor possível de cobrir por meio de renegociações. Ela concordou em preparar a atualização, com a condição de receber até aquela noite a confirmação escrita das alterações. Enquanto trocávamos as últimas observações, o telefone de Seweryn tocou. Ele olhou para a tela e recusou a chamada.

Consegui ver apenas o começo do nome do contato: Vistula.

Não comentei. Eu já sabia que ele mantinha relações antigas com a empresa, e uma ligação telefônica, por si só, não provava nada. Mesmo assim, lembrei-me de sua resposta à minha pergunta sobre a verdade. Ele nem sempre a dizia com a rapidez necessária. Perguntei-me se estava justamente presenciando um exemplo dessa demora.

Depois que Marta saiu, descemos ao pátio para verificar o espaço disponível para os possíveis estandes adicionais. O ar estava frio, e as velhas paredes de tijolos ainda conservavam a umidade da chuva da manhã. Seweryn tirou o paletó que até então carregava sobre o ombro e o entregou a um montador que precisava de algo macio para proteger o canto de uma vitrine. Foi um gesto imediato, sem qualquer consideração aparente pelo preço da roupa.

— O senhor sabe que provavelmente vai estragar seu paletó? — perguntei.

— Sei. Mas a vitrine é mais velha do que eu.

— Isso não é exatamente uma grande façanha.

Ele caiu na risada. Dessa vez, não era o sorriso elegante de alguém acostumado a reuniões oficiais. Ele ria livremente, com a cabeça ligeiramente inclinada para trás, e eu mantive os olhos nele por mais tempo do que precisava.

— Trinta e sete anos — informou. — Já que estamos avaliando a idade das antiguidades.

— Eu não perguntei.

— Seus trinta e dois anos também não são segredo. Vi sua apresentação na documentação da organização.

— O senhor não tem outros interesses além dos documentos sobre a minha pessoa?

— Tenho. Mas acabei de descobrir um novo.

Fingi verificar a largura da passagem. Era mais fácil do que admitir que a presença dele começava a me afetar de uma maneira completamente indesejada. Eu sabia como era fácil confundir uma boa conversa com a promessa de algo mais. Algumas experiências equivocadas no passado já tinham sido suficientes para me ensinar isso.

Quando voltamos à entrada, Seweryn parou perto da porta.

— Blanka, amanhã teremos que apresentar um plano conjunto ao conselho de programação. Não podemos parecer duas pessoas prestes a se matar.

— Então é melhor não me dar motivos.

— Vou tentar. Embora precise admitir que a senhora discute de maneira excepcionalmente convincente.

— Isso foi um elogio?

— Sem dúvida.

Durante um instante, permanecemos próximos demais para que nossa conversa ainda parecesse inteiramente profissional. Eu conseguia enxergar as pequenas rugas ao redor dos olhos dele e uma mancha de tinta no punho da camisa. Ele não recuou, mas também não tentou diminuir a distância. Esperou que eu mesma decidisse como encerrar aquele momento.

— Amanhã, às nove — falei.

— Estarei aqui.

— Com os documentos.

— Com os documentos.

Comecei a caminhar em direção à escada, mas ainda ouvi sua voz.

— E com as respostas para as perguntas que a senhora não teve tempo de fazer hoje.

Virei-me. Ele me observava seriamente, sem qualquer vestígio da provocação anterior.

Não sabia se aquilo era uma promessa ou um aviso. Sabia apenas que desejava ouvir aquelas respostas mais do que deveria.

Capítulo 2 - As condições da confiança

Na manhã seguinte, encontrei sobre minha mesa um envelope com meu nome escrito à mão. Dentro havia três páginas de observações detalhadas sobre o orçamento e um pequeno bilhete:

"Nem tudo o que custa caro tem valor. Nem tudo o que custa pouco é uma escolha sensata. Vamos tentar descobrir a diferença. S."

Li a mensagem duas vezes. Não porque fosse particularmente romântica. Na verdade, não tinha nada de romântico. Ainda assim, alguém havia dedicado a noite a analisar meu projeto, em vez de simplesmente enviar outra mensagem cheia de garantias genéricas de colaboração. Para uma pessoa que passara a maior parte da vida profissional tentando convencer os outros de suas próprias ideias sem ajuda, aquilo significava alguma coisa.

Na primeira página, encontrei uma proposta de redução dos custos de empréstimo de algumas peças. Seweryn sugeria substituí-las por objetos de coleções locais e por uma apresentação dos processos de criação. Nem todas as soluções me agradaram, mas algumas eram excelentes. Uma delas permitiria economizar exatamente o valor necessário para transportar três jovens artesãos.

Às nove horas, ele apareceu na sala de reuniões com dois copos de café.

— Não sabia como a senhora toma café — explicou. — Um é preto, o outro tem leite. Deixo a escolha com a senhora.